

# A POÉTICA N'AS CURVAS DO RIO: A IMAGINAÇÃO GEOGRÁFICA NO RIO CACHOEIRA<sup>1</sup>

Rita Jaqueline Nogueira CHIAPETTI<sup>2</sup>

Lúcia Helena Batista GRATÃO<sup>3</sup>

## Resumo

O objetivo deste artigo é interpretar o espaço geográfico do rio Cachoeira no romance *As Curvas do Rio*, de José Cândido de Carvalho Filho, identificando-o como uma realidade geográfica concreta e também como uma paisagem imaginada e descrita pelo autor. O referido rio permeia como ator principal e também como cenário das paisagens vivenciadas nos diálogos que acontecem entre quatro amigos no alpendre da casa-sede de uma fazenda de cacau, no Sul do estado da Bahia. Através destes quatro personagens, o autor descortina "um mundo do cacau", vívido, sentido, amado e imaginado, em que o importante rio Cachoeira torna-se povoado de desejo... devaneio... imaginação... e criatividade.... Ter imaginação significa ter liberdade de apreender o espaço, para pensar... para devanear... para escrever uma obra que leva o leitor à história e à memória da Região Cacaueira da Bahia. Os diálogos acontecem para que os personagens exponham seu entendimento pessoal sobre qualquer um dos temas debatidos, inclusive sobre a imaginária semelhança entre os rios e os homens. Não temos a intenção de substituir a análise científica pela criação literária, mas, apenas, retirar da literatura novos sentidos de interpretação, reconhecendo-a como uma via de enriquecimento do conhecimento do espaço geográfico do rio Cachoeira.

**Palavras-chave:** Geografia. Literatura. Rio Cachoeira. Poética. Imaginação geográfica.

## Abstract

### The poetry in "As Curvas do Rio": the geographical imagination of cachoeira river

The objective of this paper is to interpret the geographical space of Cachoeira River in the novel *As Curvas do Rio* by José Cândido de Carvalho Filho, identifying it as a concrete geographical reality and also as a landscape that was imagined and described by the author. The named river permeates as the main actor and also as a setting of the landscapes lived in the dialogues that take place among four friends in the porch of the main house of a cocoa farm in the South of Bahia State. Through these four characters the author uncurtains a vivid "cocoa world", felt, loved and imagined, in which the important Cachoeira River is full of desire... reverie... imagination... and creativity... To have imagination is to have freedom to learn the space, to think... to wonder... to write a piece that takes the reader to the history and the memory of Bahia's Cocoa Region. The dialogues take place to allow the characters to express their personal understanding about any of the debated topics, including the imaginary similarity between the rivers and the men. We do not have the intention to replace the scientific analysis by the literary creation, but only withdraw from the literature new senses of interpretation, recognizing it as a way to enrich the knowledge about the geographical space of Cachoeira River.

**Key words:** Geography. Literature. Cachoeira River. Poetry. Geographical imagination.

<sup>1</sup> As autoras agradecem as contribuições da Profª. Drª. Livia de Oliveira, da UNESP/IGCE/Rio Claro, SP.

<sup>2</sup> Geógrafa e Licenciada em Geografia, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia do IGCE/UNESP/Rio Claro, SP; Professora Assistente no Curso de Geografia do DCAA/UESC/Ilhéus, BA. Endereço para correspondência: Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais (DCAA), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA. CEP 45 662-900. E-mail: jaque@uesc.br

<sup>3</sup> Geógrafa, Profª Drª. do Departamento de Geociências, Pesquisadora do Grupo Imagens, Paisagens & Personagens (IMAP&P), ambos da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Endereço para correspondência: Departamento de Geociências - Centro de Ciências Exatas - Universidade Estadual de Londrina - Campus Universitário - CEP 86051-990 - CEP 86051-990 - Londrina - PR. E-mail: lugratiao@uel.br

## PROLEGÔMENOS: A POÉTICA N'AS CURVAS DO RIO CACHOEIRA

Nas horas de grandes achados, uma imagem poética pode ser o germe de um mundo, o germe de um universo imaginado diante do devaneio de um poeta (BACHELARD, 1988, p. 1).

A geografia, especialmente na perspectiva humanista, é uma ciência que tem a possibilidade de "encontro" com a arte e com a literatura, através de suas categorias de análise "encontradas" em narrativas literárias, em poesias e poemas e, em diferentes tipos de representação da arte, como pintura, cinema, etc. São "novas" (ou nem tanto) maneiras de "ler" o espaço, interpretar a cultura e compreender a natureza e a sociedade expressadas por meio da linguagem e/ou imagem, criadas por autores e artistas. A geografia humanista "procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e lugar" (TUAN, 1982, p. 143).

Segundo Seemann (2007), uma possível relação entre a geografia e a literatura ocorre no momento em que podemos analisar qualquer elemento geográfico que apareça em qualquer obra já publicada, contribuindo para uma discussão sobre o significado, o simbolismo e o valor dessa paisagem para as pessoas envolvidas ou que tenham interesse em conhecê-las. Para Holzer (2001), a paisagem descrita na literatura pode ser interpretada como uma geograficidade. Expressão cunhada pelo geógrafo francês Eric Dardel, em 1952: *géographicité* ou "*une relation concrète se noue entre l'homme et la Terre, une géographicité de l'homme comme mode de son existence et son destin*" (1990, p. 2). Esta geograficidade implica na relação do homem com a Terra, como "cumplicidade obrigatória" à existência humana e, ainda, refere-se à existência de um espaço material, que não pode ser descartado. Holzer (2001, p. 111, citando Dardel) escreve ainda:

O conhecimento geográfico teria como objeto decifrar os signos ocultos da Terra, aqueles em que, nas palavras do autor [Dardel], "a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. O resultado desta relação do homem com a Terra seria a geograficidade do homem como modo de sua existência e de seu destino".

Para Lima (2000), a intenção ao estudar os espaços geográficos, os lugares e as paisagens em obras literárias, é buscar o sentido da vida expresso nas palavras dos autores ou, mesmo, na criação/existência dos seus personagens. A literatura, que possui o atributo de "universal", é assim devido à sua capacidade de expressar a essência do viver e da experiência. A literatura tem o poder de alargar o sentimento do leitor e, ainda, possibilitar várias percepções e interpretações sobre uma mesma realidade, pois "um número finito de capítulos ou versos tem o poder de criar uma realidade infinita" (POCOCK citado por MONTEIRO, 2002, p. 86).

De acordo com Lima (2000, p. 25-26):

[...] através das obras literárias de cunho regionalista, podemos analisar o poder de visualização de um quadro ou de uma situação em um dado momento, mediante a percepção do escritor, fundamentada talvez em suas próprias memórias, impressões, observações dos lugares em que viveu ou que, simplesmente, atravessou enquanto viajante, chegando então mais próximo da compreensão do sentido do espaço vivido, graças aos valores universais encontrados em suas obras.

Desta forma, a narrativa literária pode ser um meio para ensinarmos/aprendermos geografia, com leituras mais agradáveis ao nosso coração e aos nossos olhos, muito mais prazerosa que um livro propriamente de geografia. A literatura pode abrir infinitas possibilidades para as pessoas perceberem a realidade que se quer mostrar, principalmente se o autor destacar o espaço geográfico em suas obras, se atribuir valor à suas descrições, conseguindo captar e passar “o espírito de um lugar, através de suas sensíveis habilidades para descrever a personalidade da paisagem local” (p. 14).

Por esta perspectiva, investigando a poética do rio Araguaia, Gratão (2002, p. 300) revela:

O mítico/simbólico/iconográfico **Rio - ARAGUAIA!** é um **fenômeno vivido** como **paisagem... e lugar...** no **Coração do Brasil. O Rio - ARAGUAIA!** povoa o imaginário dos povos araguaianos. É **O Rio** do imaginário dos homens que “habitam” este “lar”, este **mundo encantado!** Ele mora, habita e **pulsa...** “no coração da gente sertaneja”, no interior do Brasil (Grifos da autora).

Em muitos casos, os autores têm ou tiveram experiências de vida concretas nos espaços geográficos que descrevem, imaginam em suas obras. Mas, mesmo que não tenham vivido neste espaço, eles escrevem sobre ele através de sua imaginação criadora, transportando os personagens para os lugares os quais se passa a história e, depois, os transformam em imagens, enredos e situações literárias. Assim, a literatura flui com sensibilidade no espaço real que seus autores viveram (ou não), tornando-se de caráter regional.

O filósofo Gaston Bachelard, em sua obra “A poética do devaneio” (1988, p. 8, citado por PAIVA, 2005, p. 129), escreve que “a imaginação deve ultrapassar a faculdade de reproduzir o perceptível, deve ir além dos fenômenos apreendidos pelo prisma da ocularidade”, o que vem de encontro a uma obra literária. Não podemos deixar de considerar a importância das narrativas literárias que falam da vivência, da experiência das pessoas em um determinado lugar, como uma das fontes mais ricas para a geografia, pois, segundo Lima (2000), é na literatura que um escritor consegue traduzir os valores dos indivíduos, possibilitando uma visão reveladora da vida, do espaço e dos lugares vividos por estas pessoas. A literatura pode ser um condutor “para a transmissão das mais intensas experiências humanas com o espaço, partilhadas tanto por aqueles que amam a natureza, como por outros que não sentem nenhum amor por ela” (p. 14). Os textos literários podem mostrar as particularidades das pessoas em suas culturas, em seus espaços geográficos.

## O RIO CACHOEIRA... NA OBRA AS CURVAS DO RIO

Havia muita água nas roças, e o rio Cachoeira estava de barranco a barranco, oferecendo, com a velocidade das águas, um quadro encantador aos que moravam às suas margens (CARVALHO FILHO, 2005, p. 41).

Uma paisagem inspira um artista, um escritor... os quais, por sua vez, representam-na conforme seus próprios olhares... suas imaginações... seus sentimentos... Assim o fez José Cândido de Carvalho Filho em sua obra *As Curvas do Rio*, publicada em 2005. O autor inspirou-se nas paisagens da Região Sul da Bahia, em especial, nas paisagens do rio Cachoeira, para escrever sobre a sua relação com o lugar, retratar a realidade e transmitir a imagem da vida, nas fazendas cacaujeiras situadas nas margens deste rio. Uma imagem nem sempre reproduzida, muitas vezes, criada pelo devaneio... pela imaginação.... O autor faz parte destas paisagens, mesmo não tendo nascido na Região Cacaueira, mas, tendo escolhido Ilhéus para viver por um determinado tempo, elegendo-o como seu lugar. Atitude que se

relaciona com a afirmação de Mallard (1993), para a qual o espaço geográfico, com sua paisagem e, porque não, um lugar, é a matéria-prima para os elementos essenciais da literatura: "assunto, temática, estória, personagens, história, e, principalmente: espaço e linguagem" (p. 33).

As Curvas do Rio é um romance histórico, com linguagem poética em forma de "diálogos" sobre a Região Cacaueira do Sul da Bahia, em que o literato Carvalho Filho coloca o rio como centro de sua narrativa e de sua poética... produzindo uma imagem deste espaço geográfico e de sua gente... sua paisagem! O autor, em seus devaneios, faz ligações com fatos da sua infância e juventude... mostrando seus sonhos... suas saudades... os momentos que marcaram a sua história... e, ainda, faz reflexões sobre a vida... e as contradições sociais na Região Cacaueira Baiana.

O livro é composto por dezesseis capítulos, ou melhor, quatorze diálogos que acontecem durante um ano qualquer, na primeira metade do século XX, no alpendre da casa grande da fazenda Providência, no município de Ilhéus, na Bahia, local em que os personagens dialogam sob o testemunho do rio Cachoeira. Carvalho Filho, em vários momentos, enaltece o espaço geográfico e a paisagem do rio Cachoeira, através de palavras ditas pelos seus personagens: [...] "agradeço a honra de tê-los recebido em nossa casa na fazenda Providência, à margem do **rio Cachoeira, que tanto encanto nos oferece**. Ou, ainda: "fico com saudade dos nossos encontros e **desse ambiente admirável, que o rio Cachoeira cuidou de preparar**" (CARVALHO FILHO, 2005, p. 113, grifos nossos).

Os diálogos ou, como o próprio CARVALHO FILHO (2005) escreve: "os encontros, as conversas, os chamados **Diálogos**, por gracejo" (p. 29, grifo do autor), são uma "denominação dada às conversas da fazenda Providência" [...], com "a satisfação de encontrar os amigos para discutir sobre assuntos gerais" (p. 30). O autor continua: "Na Grécia, os diálogos eram embates de ideias e de sentimentos opostos. Era a famosa **interlocução** filosófica de Platão" (p. 30, grifo do autor). Mas, no referido romance, os diálogos são apenas os encontros e as conversas entre quatro amigos, em que os personagens tratam de temas os mais diversos, sob as mais diversas óticas: "ficou definido que os nossos **diálogos** não teriam nenhuma semelhança com os **Diálogos de Platão**, nem poderia, porque no grupo só há um filósofo, pela sua natureza de vida e sabedoria" (p. 113, grifos do autor).

Estes diálogos são sempre "puxados" por Hermógenes (não o grego), com seu jeito de ser "filósofo de poucas letras, ou um sábio instruído pela natureza das coisas" (CARVALHO FILHO, 2005, p. 25), mas, que, na verdade, é o administrador da fazenda Paraíso.

De fato, Hermógenes era um sábio pelo que essa palavra encerra de ciência do cotidiano, de experiência de vida de um homem inteligente. Ele próprio aceitava ser um filósofo matuto, com a concepção perfeita da vida pelo muito que aprendeu com a leitura, a natureza, os pássaros, os animais e o bicho-homem. Afirmava que se conquista a sabedoria pelo amor à virtude, pelo exercício da inteligência, pela percepção das coisas e dos homens. Costumava acrescentar dois ingredientes: a vivacidade e a intuição (CARVALHO FILHO, 2005, p. 26).

Os outros personagens-amigos, que dialogam no alpendre da fazenda Providência, são o seu proprietário, Senhor Marinho; o Doutor Melo, advogado em Ilhéus e o Vereador e Professor Elio, "mestre de geografia" da Escola Comercial de Ilhéus.

Em muitos trechos da narrativa transparece a ideia de que o rio Cachoeira faz parte do cenário, pois tal varanda foi escolhida, justamente, porque dali se vê sua deslumbrante paisagem. O próprio autor observa que do alpendre da casa "tem-se admirável vista do trecho do rio Cachoeira, em forma de 'esse', com sua mais bonita curva já em acentuado declive. Na parte mais distante, seu leito projeta-se sobre as Sesmarias, como se pretendesse furar a terra e a mata" (CARVALHO FILHO, 2005, p. 18, grifo do autor). Tanto que, a

capa do livro traz uma imagem (desfocada) do rio Cachoeira, com a curva em forma de "S", margeada pela Mata Atlântica. Também, o personagem Hermógenes está sempre enaltecendo este trecho do rio no romance, como no exemplo a seguir:

Imagem da capa do livro



Agora vejamos esse quadro lindo que a natureza nos oferece, afirmou, virando-se para o Cachoeira, que corria tranqüilo sobre o seu leito de pedras, ao lado da casa, para depois precipitar-se num declive borbulhante em ondas que se partiam contra os bicos de pedras. A seguir, insistiu: - Vejam as duas curvas em forma de **esse** que se formam até desaparecer dos nossos olhos entre suas margens verdejantes como que à procura das matas (CARVALHO FILHO, 2005, p. 38, grifo do autor).

O rio Cachoeira é uma paisagem percebida, vivenciada, experienciada e sentida pelos personagens que vivem nas fazendas cacaueiras sul-baianas. Para eles, uma "obra criada por Deus":

[...] ficavam embevecidos com a floresta próxima, tendo a seus pés a fertilidade da terra e a sonoridade das águas do rio Cachoeira, trepidando no seu leito de pedras em declive. E, por vezes, se assustavam ao comentar sobre a hipótese de que aquele magnífico e verdejante quadro viesse um dia a desaparecer; e aquela natureza pudesse ser destruída; e as árvores e as espécies animais criadas por Deus, ali, não tivessem direito à vida. Eram dúvidas que ficavam sem resposta no silêncio da mata virgem (CARVALHO FILHO, 2005, p. 20-21).

Oliveira (2002, p. 240) explica que "o espaço geográfico afetivo não é apenas superfície, território; implica qualidades de profundidade, solidez, plasticidade que não são percebidas e conhecidas de início, mas, sim, são respostas reais, intuitivas, simbólicas, telúricas. É o sentimento que envolve [...]". Este sentimento de medo da perda, que os personagens nutrem pelo seu rio, mostra a relação que têm para com ele... uma verdadeira relação de amor, afetividade e respeito, ou seja, uma relação topofílica... amor pela natureza... pelo rio... pela paisagem e pelo espaço geográfico do rio... rio-lugar...

Segundo Tuan (1980, p. 129):

O termo topofilia associa sentimento com lugar. [...] O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais.

Seguindo por este sentimento, "na (con)vivência de **múltiplas imagens... e... paisagens...** descobrimos e **encontramos um lugar...** de intensa **fluência poética** pelos diferentes relacionamentos do homem com **O Rio**" (GRATÃO, 2002, p. 301, grifos da autora). "Suas experiências vividas (que) constroem o conhecimento geográfico do lugar, sua afetividade e suas condutas e, (que) levam à construção da **Identidade d'O Rio**" (p. 15, grifos da autora).

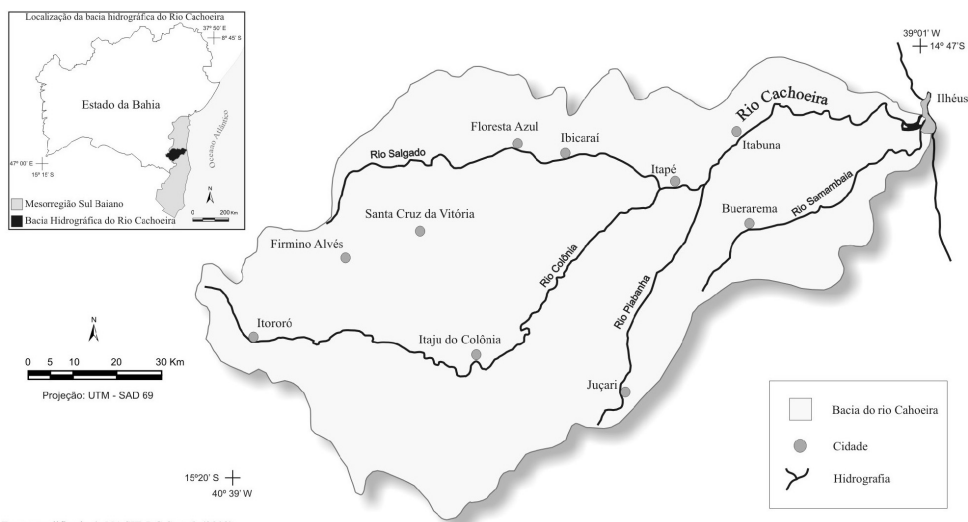
Carvalho Filho nutre um sentimento profundo pelo rio, pelo lugar-rio Cachoeira... revelado nas falas de seus personagens, quando se referem, a todo instante, às paisagens do rio. Segundo Gratão (2007, p. 100), esta relação é uma "geograficidade hídrica que nasce do profundo vínculo afetivo com ele - topofilia hídrica - Hidrofilia! [...] Os personagens revelam os seus sentimentos hídricos/fluviais, os seus vínculos hidrotopofílicos!"

## O RIO CACHOEIRA COMO UMA IMPORTANTE "ESTRADA-AQUÁTICA" DA REGIÃO SUL BAIANA

[...] um rio que as leis geográficas não criaram para que dividisse heranças ou ditasse a tais homens, contra tais outros, sentimentos de ódio e de inveja assassina (FEBVRE, 2000, p. 175).

Como o propósito deste texto é "extrair" o elemento geográfico rio Cachoeira, que "conduz" a obra *As Curvas do Rio* através da poética do autor, vamos "situá-lo" fisicamente e historicamente no processo da formação socioespacial baiana.

O rio Cachoeira se forma pela confluência dos rios Colônia e Salgado, no sul do estado da Bahia (figura 1). O rio Colônia nasce na serra de Ouricana, município de Itororó e, depois de se estender por aproximadamente 100 km, recebe as águas do rio Salgado no município de Itapé, passando a se chamar rio Cachoeira. O rio Salgado tem suas nascentes no município de Firmino Alves, a partir do qual percorre cerca de 63 km até desembocar no rio Colônia, em Itapé. A partir deste percurso ou da confluência destes dois rios, passa a se chamar "Cachoeira", fluindo por cerca de 50 km em direção leste, até desaguar num local conhecido como "coroa grande", em Ilhéus, quando, então, mistura suas águas com as águas dos rios Fundão e Santana (ou do Engenho) e, juntos, formam um complexo estuarino (popularmente chamado de Baía do Pontal), local em que suas águas encontram-se com o mar.



Fonte: modificado de NACIF, P.G.S et al. (2003).

**Figura 1 - Bacia Hidrográfica do rio Cachoeira, BA**

No início da ocupação das terras "brasileiras", as margens do rio Cachoeira, como toda a Região Cacaueira, eram densamente cobertas por florestas e povoadas pelos índios Tupiniquins, próximos à costa, e pelos temidos Aimorés, mais para o interior, dificultando a penetração para dentro da região (VINHAES, 2001; CAMPOS SILVA, 2006).

Por volta de 1536, o rio Cachoeira tornou-se um caminho de passagem para as primeiras incursões portuguesas em terras ilheenses. Segundo Barbosa e Conceição (1997, p. 26) esta "invasão" ocorreu devido à procura por um "local mais apropriado, apresentando defesas naturais, grande fertilidade do solo e boa aguada". Para estes mesmos autores, o rio

Cachoeira teve papel de destaque na implantação das Capitânias Hereditárias, além de testemunhar a escravização indígena e ser cenário de terríveis massacres dos índios Tupiniquins e Aimorés, provocados pelos donatários e ouvidores da Capitania de São Jorge dos Ilhéus. Segundo Vinhaes (2001) e Campos Silva (2006), foram os Tupiniquins que auxiliaram os portugueses na exploração do pau-brasil, cujos troncos eram transportados pelas águas do rio Cachoeira e, mais tarde, na implantação da cultura da cana-de-açúcar, principalmente nas margens deste rio, onde o cultivo se desenvolveu consideravelmente. À medida que as terras a oeste iam sendo conquistadas, ao longo das margens do rio Cachoeira iam sendo fundados arraiais e vilas, com o intuito de que suas águas fossem utilizadas para o transporte de produtos vindos do sertão até o Porto Fluvial de Ilhéus (na época, localizado no trecho do rio que banhava o distrito do Banco da Vitória).

Como um importante elemento hídrico do sul da Bahia, o rio Cachoeira também foi palco de muitos fatos de destaque na história baiana, como a passagem de célebres figuras que integram a história nacional, a exemplo dos três primeiros Governadores Gerais: Tomé de Souza, Duarte da Costa e Men de Sá; além do rico empreendedor florentino Lucas Giraldes, dono de engenhos de cana-de-açúcar e “terceiro donatário da Capitania de São Jorge dos Ilhéus” (BARBOSA; CONCEIÇÃO, 1997; SILVA CAMPOS, 2006, p. 74).

A partir de 1570, o “rio-caminho” Cachoeira serviu para muitas entradas e bandeiras que penetravam para o interior das terras, em busca de pepitas de ouro e de prata, as quais acreditava-se existir nas barrancas dos rios, no novo continente (BARROS, 2004). Também, serviu às tropas francesas e holandesas, que o usaram como abrigo para saquear e devastar a vila de Ilhéus. No período em que se iniciou a implantação da lavoura cacauieira (por volta de 1756 em Ilhéus), as áreas ocupadas por esta cultura estavam restritas aos vales dos rios, devido à necessidade de adaptação das árvores de cacau aos terrenos de maior grau de umidade. Foi, neste sentido, que o rio Cachoeira passou a ser novamente “um caminho, uma estrada” importante na região, pois era usado como via natural de escoamento dos frutos do cacau das roças até o Porto Fluvial do Banco da Vitória, em Ilhéus. Foi ele, também, que determinou o direcionamento das estradas construídas na região, pois sendo abundante em água e aldeamentos, oferecia boas condições de apoio aos viajantes, inclusive como locais de pouso para os tropeiros (FREITAS; PARAÍSO, 2001).

O professor Elio, personagem-geógrafo, composto propositalmente pelo autor da obra em estudo, também discorre sobre a origem do rio Cachoeira, quando, no oitavo diálogo fala:

Os aspectos físicos da nossa ciência não encerram maiores novidades. Os acidentes geográficos podem ser estudados sem maior ou menor profundidade, já que não apresentarão variações ponderais. [...] Aqui na região os rios são curtos, suas nascentes estão próximas e as mais distantes são as do rio de Contas e do Jequitinhonha, que nasce em Minas Gerais (CARVALHO FILHO, 2005, p. 65).

E, olhando para o próprio rio Cachoeira em frente à varanda discursou, ao imaginar seu percurso, desde a nascente até a foz, suas margens verdes pela Mata Atlântica, pelas lavouras de cacau e, ainda, lembrar dos povoados que se formaram desde os tempos do Brasil Colônia:

O Cachoeira é o que eu chamo de rio pobre. Tem sua nascente próxima do mar. Corre em direção a Ilhéus e favoreceu o aparecimento de alguns povoados com boas perspectivas de crescimento, por causa da riqueza do cacau. De Ilhéus para Itabuna ele é apenas uma linha indicativa de penetração para Vitória da Conquista. Hoje o alvo principal do nosso estudo é a sociedade que se forma em suas margens, é a geografia humana que no fundo se iguala a um capítulo de sociologia, envolvendo o homem e a terra com seus acidentes determinantes do progresso (p. 65-66).

Neste trecho, observamos o quanto a geograficidade de Dardel (1990) está contemplada nesta obra poética de Carvalho Filho, pois a "grafia" do rio Cachoeira, isto é, o "desenho" do seu percurso não interessa ao professor (e, consequentemente, ao autor). O que ele aborda na obra inteira é a existência humana... a condição das pessoas que vivem em suas margens, mesmo que tenha comparado esta geografia com a sociologia.

A geografia humana, que já estava sendo muito discutida/estudada nos EUA e na Europa, é lembrada no alpendre da fazenda Providência na Região Cacaueira. Até os conceituados professores de geografia Milton Santos e Josué de Castro são citados na conversa entre os amigos:

Em Ilhéus, nós temos Milton Santos, jovem professor de Geografia Humana do Ginásio, que está se especializando no assunto. É um advogado e jornalista brilhante. Pela sua juventude, é provável que chegue a um ótimo nível de conhecimento nessa especialidade. A matéria é vasta e com aspectos relativos à pobreza, à fome endêmica, à doença, às migrações, saúde, ensino, educação e outros mais. No Brasil, nós temos alguns estudiosos, dentre os quais merece referência o professor Josué de Castro, já com uma vasta obra publicada sobre a fome (CARVALHO FILHO, 2005, p. 66).

Mais adiante, no décimo primeiro diálogo, o autor coloca o personagem Elio novamente falando sobre o rio Cachoeira, mas, desta vez, sobre a sua história como caminho para o interior da Bahia e, ainda, como um recurso hídrico importante na produção cacaueira:

Entendo, nesse particular, que está reservado à bacia do rio Cachoeira um grande futuro. Um exame sobre o desenvolvimento de Itabuna, nesses poucos anos de sua emancipação, é uma prova das minhas previsões. Embora o rio não seja navegável, senão para pequenos barcos e canoas de Ilhéus ao Banco da Vitória, é ele um símbolo, um mentor dessa marcha à procura do interior do Estado. A bacia do rio Cachoeira, chegando às suas nascentes, no Colônia e no povoado de Itororó, está formada em terras férteis e de clima favorável para o desenvolvimento do cacau e da pecuária. Quem for vivo no correr desse século verá (CARVALHO FILHO, 2005, p. 78-79).

O professor Elio, um estudioso de geografia, chega também "a filosofar" quando olha fixamente para a beleza das paisagens do rio Cachoeira: "As águas em corrente tranquila dos rios causam-nos vocações maravilhosas de um passado distante que não chegamos a conhecer e do qual sentimos nostalgia" (p. 109). Certamente, o referido personagem, um conhecedor da história da formação socioespacial do território brasileiro, está imaginando que as águas do referido rio, "agora calmas", já foram "muito movimentadas" no início da colonização brasileira e, provavelmente, até antes dela, pois os indígenas já habitavam estas terras anteriormente à chegada dos portugueses.

Vemos, então, que a imagem literária do rio Cachoeira vai sendo construída através da sua história... da sua gente... do movimento de suas águas... do conhecimento daqueles que já escreveram sobre ele... do "movimento" da imaginação de personagens... da percepção de Carvalho Filho... enfim, das paisagens que foram sendo construídas ao longo do tempo... assim como Gratão (2007, p. 95) escreve sobre o rio Araguaia:

As **imagens d'O Rio** construídas pelos viajantes, turistas, ribeirinhos, religiosos, poetas... são percepções que dão ao lugar sua identidade, revelando o cotidiano das águas... **experiências vividas** - "geografias vividas" -, descritas e interiorizadas em sentimentos, numa introspecção de lugares, registrando intimidades e (res)guardando percepções e experiências significativas. Na **correnteza** das águas... nos cantos e recantos das suas margens, **O**

**Rio** vai construindo e contando sua história e a história dos homens (Grifos da autora).

A autonomia da imagem literária em obras sobre o rio Cachoeira valida a imagem poética como manifestação da imaginação criadora, o que, certamente, conduziu e conduziu os autores que escreveram e escrevem sobre a sua história.

## A IMAGINÁRIA SEMELHANÇA ENTRE OS RIOS E OS HOMENS NO SEGUNDO DIÁLOGO

[...] tão importante é o rio como o homem do rio, e um reflete o outro (CORRÊA; CORRÊA, 1974, p. 9).

"A identidade do rio com o homem, no que diz respeito às variações da vida" (CARVALHO FILHO, 2005, p. 36), este é um dos assuntos contidos no segundo diálogo entre os quatro amigos que se encontram na varanda da fazenda Providência para conversar sobre as pessoas e a cultura da Região Cacaueira... sobre a região banhada pelo rio Cachoeira... enfim, para filosofar sobre a vida...

O poder da imaginação direciona a uma abrangência mais ampla nos assuntos discutidos no romance de Carvalho Filho, tanto que ela é a tônica que movimentava os diálogos ou "as cenas" na fazenda cacaueira. Ao ler esta obra, temos a impressão que estamos assistindo a um filme ou uma peça teatral, como se cada diálogo fosse uma cena e o cenário fosse a paisagem geográfica com seus personagens: gente, mata e rio.

Nos textos literários, a imaginação revela-se como uma verdadeira força do psiquismo humano, por isso, o tema da segunda tertúlia (ou diálogo) é oportuno: o que os homens e os rios "têm em comum, pela sua origem, tendo-se em conta que o **espírito** é o essencial no homem e a massa líquida é a substância do rio" (CARVALHO FILHO, 2005, p. 36, grifo do autor).

Hermógenes, o velho trabalhador considerado o filósofo do grupo, não se fez de rogado. Mas, sempre humilde diante dos companheiros disse:

[...] O corpo humano é composto do físico e do espiritual. Expressa sentimento de ordem psíquica estranho à matéria. Tem alma e inteligência. Tem vida mental. O rio, ao contrário, tem expressão unicamente material [...] tanto o rio, no seu volume de água, quanto o homem, no seu duplo aspecto biológico e espiritual, encerram um fenômeno a ser estudado com mais profundidade. [...]: - Reconheço que o rio também tem alma, evidente que distinta da nossa, mas de igual sentimento pelo que representa de sua origem divina. Observe-se que a sabedoria popular costuma dizer que **água não tem cabelo**, não salva a quem não sabe nadar. Mas não nega que ela tenha espírito, uma entidade sobrenatural que lhe empresta ânimo e inteligência. [...] o que quero dizer é que o rio tem real identidade com o homem. Refiro-me ao curso natural de água [...] quando se diz que o rio está seco, é o mesmo que se afirmar que ele está morto, tal como o homem sem vida; não existe (CARVALHO FILHO, 2005, p. 37-38, grifo do autor).

Um romance se transforma no lugar em que tudo pode ocorrer. O rio "É mesmo, **Lugar de Encontro... Amor e Poesia!**" (GRATÃO, 2002, p. 48, grifos da autora). O que une os movimentos e os deslocamentos do romance é a imagem poética que, para Bachelard (2005, p. 2), "emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade".

Hermógenes procurou penetrar na imagem do rio Cachoeira, com toda sua vivência, com o intuito de descrever a cena... expor seu pensamento... sua razão... O livre-pensador continuou... (com a sua imaginação) devaneando... e contemplando... o rio Cachoeira.

Depois de pedir para seus companheiros olharem para as duas curvas do rio em forma de "S", que desapareciam no meio da mata, com um entusiasmo sereno e eloquente expôs:

Pois bem, observem a comparação. Aqui na frente, o leito está calmo como se fosse uma pessoa, um cacauicultor, por exemplo, em paz de espírito, acomodado com a sua produção e sem débitos. Esse lindo quadro pintado pela natureza lembra-me uma passagem do evangelho de São Lucas, cujo capítulo não recordo, mas que alude ao Mestre, advertindo as multidões sobre a cobiça: **Olhai, guardai-vos de toda a cobiça, porque mesmo que um homem viva na abundância, a sua vida não depende de seus bens.** É isso aí, se houver cobiça, avidez desmedida para conseguir, o homem pode sacrificar sua tranquilidade de vida, assim como a água do rio que perde sua placidez na precipitação das cachoeiras. É quando a água se contorce com as pancadas nas pedras do declive, à semelhança do sofrimento humano (CARVALHO FILHO, 2005, p. 38, grifo do autor).

O brilho da imaginação criadora de Hermógenes confunde-se com a sua razão, pois num momento se refere à realidade e noutro à imaginação... ao devaneio... como no pensamento de Bachelard (2005), explicado por Barbosa e Bulcão (2004, p. 49): "razão e imaginação, embora opostas, possuem características comuns, pois se impõem como atividades dinâmicas. A razão, assim como a imaginação, é, fundamentalmente, criadora, ativa, aberta e realizante". A imaginação ultrapassa a realidade, vê o invisível, vai ao fundo das coisas... a imagem só pode ser captada na medida em que tem todo o seu ser na imaginação.

Hermógenes continuou sua reflexão, dizendo que há outros aspectos a considerar sobre a semelhança entre os rios e os homens:

Há rios serenos, pacíficos, com a idêntica natureza de muitas pessoas. Há outros de cursos velozes, correndo com atropelo como se fossem pessoas apressadas e ambiciosas que vivem em permanente desespero. Há ainda os rios que guardam em suas margens poderosos reservatórios de água em encantadoras lagoas, fazendo suas reservas, tal como certos homens que cuidam de suas economias no curso de sua vida. Há também os rios pedregosos e violentos, que provocam receio, como pessoas que assustam o meio social onde vivem. São essas coincidências que me fazem reconhecer ainda a semelhança entre os rios e os homens (CARVALHO FILHO, 2005, p. 39).

Na fala de Hermógenes, saudoso administrador de fazenda de cacau, o literato faz uma reflexão maravilhosa, comparando tipos de rios a diferentes tipos de personalidade humana. Ao mesmo tempo, mostra que os rios são diferentes porque correm em diferentes relevos e, também, têm diferentes idades geológicas. Neste contexto, podemos refletir sobre a "personalidade" do rio Cachoeira e das pessoas que vivenciam diariamente a realidade em suas margens. Será que como o rio, elas vivem entre pedras, a procura do seu destino!? E, depois da última corredeira, deslizam, suavemente, até o encontro com o mar!?

Dando continuidade à conversa, o vereador Elio interveio, pois como sendo professor de geografia, um sonhador de imagens, sentiu-se na obrigação de questionar:

Querido Hermógenes, estou olhando o rio Cachoeira, esse quadro maravilhoso, emoldurado pelos melhores pintores do céu, e vejo que há duas curvas perfeitas no seu caminho, uma em sentido diverso da outra, como que se ajustassem para entrar nas terras da fazenda do Lavinsky. Qual sua concepção sobre esse fenômeno, essa figura, que eu diria gravada na própria rocha? (CARVALHO FILHO, 2005, p. 39).

Percebemos que até em um questionamento Carvalho Filho, com a sua linguagem poética, usa a imagem real do rio Cachoeira para uma reflexão/imaginação sobre a vida humana. Sua linguagem é forte e inesquecível nos momentos da narrativa em que cita o rio, de forma que o leitor tem a nítida impressão de estar olhando para uma tela a óleo, colorida e musicada, em cada paisagem descrita no seu livro. Na verdade, ele está fazendo uma real geografia: “[...] a realidade geográfica [da obra] está exatamente no artifício da narrativa” (MALARD, 1993, p. 36): um autor/narrador que morou na região e que tem uma imensa imaginação geográfica. Assim, para o autor, “narrar é surpreender a essência do viver” (CARVALHO FILHO, 2005, p. 36-37).

Hermógenes, o filósofo de poucas letras, responde ao professor Elio sem gaguejar, pois é convicto quanto à semelhança rio versus homem. Ele explica que o rio percorre um caminho que a natureza lhe impõe, desviando para um lado e para outro... fluindo no seu leito... até adquirir um nível que lhe permita prosseguir... Diz ainda que a isso, os filósofos dão o nome de inteligência das coisas. É o mesmo que ocorre com a inteligência humana, pois o homem, tal qual o rio, segue o seu destino traçado por Deus... poucas escolhas lhe são dadas. Percebemos que esta maneira de pensar do personagem reflete a sua condição humana, guiada pelo destino que a religiosidade cristã lhe impõe.

Poeticamente podemos fazer outras analogias entre os rios e os homens. Alguns rios são mais lentos, outros mais rápidos; uns seguem em curvas, outros em quedas, correnteza. Alguns são grandes em extensão ou largura; outros, pequenos. Alguns rios são chamados de ribeirões e podem ter poços d’água estagnados mas, outros são alegres, saltitantes. Ainda, têm aqueles com águas límpidas mas, têm outros turvos. Existem rios com corredeiras e cachoeiras, por onde as águas agitam-se para depois se acalmar, como se cansassem da folia e, então, comesçassem a deslizar suavemente pelo seu leito. Também, assim, são os seres humanos... como os rios são uns diferentes dos outros... como as águas do rio que passam por onde querem dentro do seu leito, adaptando-se às curvas, à procura de sua liberdade, muitos seres humanos também os fazem. Mas, os homens têm o mesmo destino das águas de um rio... águas que correm.... que se adaptam às curvas do rio, seguindo sempre para o mar... seu destino...

O quarto diálogo novamente é conduzido pela presença dos caminhos aquáticos mas, desta vez, os rios como recursos econômicos e a sua influência nos aspectos de ordem cultural. Neste encontro, a discussão é sobre as “curvas que os rios fazem no seu percurso, comparadas com as variações que o destino impõe aos homens” (CARVALHO FILHO, 2005, p. 44).

O professor de geografia, sentindo-se na obrigação de “puxar a prosa”, logo tomou frente:

Há um aspecto que deve ser assinalado, desde logo, que é a contribuição que os rios prestam ao progresso dos povos. [...] Repare-se que o progresso tem utilizado os rios em todas as fases históricas. Isso aconteceu na Bahia, com o Paraguaçu, o rio das Contas, o Pardo e outros. Em suas encostas surgiram núcleos sociais que se transformaram com presteza em verdadeiras cidades. Há como que uma irmandade e um sentimento de igualdade entre os rios e os homens. O fenômeno é histórico. Por isso podemos afirmar que onde há um grande rio há uma grande civilização. Figuram como exemplos: o Danúbio, com sua beleza, criando Viena com sua extraordinária vocação para a música; o Volga, emprestando encanto a São Petersburgo, na Rússia; o Sena, criando o século das luzes e o esplendor de Paris; o Tamisa, com a majestade do Parlamento às suas margens e a gloriosa civilização londrina (CARVALHO FILHO, 2005, p. 44-45).

No puxar da prosa, o professor Elio refere-se a alguns dos grandes rios do mundo, cada um com a característica cultural principal das cidades que banha. O rio Cachoeira também é citado, não com a mesma intenção mas, como sendo "o ator principal da cena" e, mesmo não sendo navegável (somente depois do distrito do Banco da Vitória até sua foz), é um caudal de penetração que acolheu, em suas margens, o surgimento de uma civilização florescente. O geógrafo-professor, voltado mais para a geografia humana (como ele mesmo diz), prosseguiu dialogando... referiu-se aos rios do Nordeste brasileiro, já que viviam nesta Região: "Ali os rios são limitados pelas intempéries, vitimando a população regional. O leito seco de um rio é como uma grande cova humana, é uma tristeza" (CARVALHO FILHO, 2005, p. 45)!

Disparada esta frase de efeito, com impostação de voz, nosso geógrafo mediu a reação dos companheiros, e indagou: - Não sei se estou certo. Todos concordaram com o professor, somente Hermógenes fez uma observação, já que houve uma referência clara ao Nordeste: - Queria apenas considerar, como bom sertanejo, que a região de Sergipe banhada pelo rio São Francisco ainda continuava subdesenvolvida também por culpa dos governantes (CARVALHO FILHO, 2005, p. 45).

Hermógenes pronunciou-se, não como filósofo mas, como um sertanejo crítico, pois era nascido na região do rio São Francisco, em Sergipe. Como o mais sábio dos presentes, ele continuou comparando a vida dos rios com a dos seres humanos, lembrando também das barragens, um feito humano em que se "corta" as águas do rio, ou "interrompe o seu curso com a construção de uma barragem para formação de um açude ou de um lago. E, mesmo assim, permitindo-lhe evasão eventual por um sangradouro" (CARVALHO FILHO, 2005, p. 46). As crenças antigas atribuíam o fenômeno de deter as águas dos rios aos milagres de Deus ou dos santos, e os incrédulos creditavam este fato às artes mágicas. Nessa fala o filósofo estava referindo-se à possibilidade de atravessar o rio Cachoeira pisando nas pedras do seu leito em tempos de enchente, somente se acontecesse um milagre de Deus, ou fosse construída uma barragem para deter o rio. Do mesmo modo, comparou a situação do rio modificado (por Deus ou pelos homens) com a saúde humana, a qual pode ser interrompida por uma doença, temporariamente.

Nesta parte do livro constatamos que o autor faz uma filosófica-analogia entre os rios e os seres humanos e, também, que os principais protagonistas dos diálogos, Hermógenes e Elio, fazem parte do rio Cachoeira, tanto, que há uma imbricação da paisagem... do rio-lugar... com eles (neles), com seus sentimentos humanos. A paisagem acaba por iluminar a imaginação destes personagens, os quais, por sua vez, imaginam... contemplam... consideram-na como a natureza humana!

É neste sentido que a paisagem... a imagem do rio Cachoeira... envolve os personagens, ou vice-versa. São eles que se identificam com o rio numa relação de afetividade, pois este elemento geográfico, sempre presente na paisagem do lugar, faz parte da sua condição humana, do seu modo de viver... da sua experiência... vivência... Uma geograficidade!

A paisagem do rio Cachoeira é tão mencionada no romance, que aparece em quase todas as suas páginas. Tanto, que podemos considerar o espaço geográfico em que se passa o romance (com a sua paisagem) como um lugar... lugar dos personagens... lugar para o autor... pois possui espírito, personalidade e sentido de lugar (TUAN, 1980; 1983). É um lugar porque o autor, através dos seus personagens, sente-se enraizado na paisagem do rio Cachoeira, ou sente-se fazendo parte da paisagem... os personagens são a própria paisagem!

Os personagens, em todos os diálogos do romance, referem-se à belíssima paisagem do rio Cachoeira, como se fosse um quadro desenhado e pintado por Deus: "nas **Águas d'O Rio**, a representação do espírito religioso - **religare**" (GRATÃO, 2002, p. 223, grifos da autora). Sempre falam do barulho das suas águas batendo nas pedras ou nas margens do

rio, como numa sinfonia musical e, ainda, sentem o cheiro do rio, que lembra uma saborosa moqueca de peixe fresco pescado em suas águas.

Carvalho Filho (2005) em sua obra, enfatiza uma paisagem que é prenhe de visual, é toda cor: "nosso primeiro encontro ocorreu numa manhã clara, na varanda da fazenda, de onde víamos **As Curvas do Rio** Cachoeira (p. 31, grifo do autor)", colorindo, às vezes, de luz, de alegria e, outras vezes, de sombra e tristeza: "era uma tarde de sexta-feira, como sempre, nublada e com uma aragem suave e fria" (p. 62). São tantas as menções sobre a paisagem do rio... em detalhes, eivados de minúcias:

O Cachoeira enchia em razão das chuvas caídas nas suas cabeceiras. Alguns troncos de madeira desciam empurrados pela velocidade das águas. As cachoeiras formadas no declive do rio, em forma de **esse**, produziam um ruído monótono pelo vexame das águas contra o bico das pedras. A Mata Atlântica respirava feliz, açoitada por um vento frio que subia o leito do rio (CARVALHO FILHO, 2005, p. 81, grifo do autor).

É o espaço aquático, citado por Dardel (1990, p. 26) : "*sur l'importance et l'originalité du domaine des eaux dans l'espace géographique*". Sobre isto, Oliveira (2002, p. 238) destaca: "o domínio das águas são os rios, os córregos, as fontes, as veredas, que desempenham um papel preponderante, pois onde falta água, o espaço tem qualquer coisa de incompleto".

As paisagens físicas do rio, ou as cenas descritas por Carvalho Filho (2005) mostram detalhadamente o figurino dos personagens e o cenário, que chegamos até a imaginá-los: "O primeiro a chegar no dia apazado foi o professor Elio, trajando um terno de linho cinza, com uma gravata azul e o indefectível chapéu branco, palhinha, de aba estreita [...]" (p. 36); "Novo encontro foi realizado num final de tarde, com um suave vento trazido pela chuva que começava a cair nas matas da Sesmaria Bonin (p. 55).

Esta paisagem do rio Cachoeira existe porque as pessoas envolvidas por este sentimento de rio existem e, se estas pessoas existem no romance de Carvalho Filho, é porque esta é a existência (em materialidade e sentido) do lugar-rio Cachoeira. Não obstante, as múltiplas paisagens do rio Cachoeira servem de inspiração poética do autor para validar os diálogos, no sentido de que, cada um dos personagens-amigos do rio Cachoeira exponha seu entendimento e/ou relacionamento pessoal sobre qualquer um, ou os mais diferentes temas abordados sob as mais diversas óticas, inclusive sobre a imaginária semelhança entre rios e homens.

## **PALAVRAS "IMAGINADAS" PARA ENCERRAR ESTE PERCURSO DE TEXTO... E DE RIO...**

A leitura da poética obra *As Curvas do Rio*, de José Cândido de Carvalho Filho, permitiu-nos estabelecer um diálogo entre a geografia e a literatura, um "canal" que torna possível estudar a realidade geográfica através de um texto literário e, principalmente, amplia as possibilidades interpretativas da relação Homem-Terra. O autor mistura saber científico ao seu imaginário... e devaneios misturam-se ao real... para refletir sobre a Região Cacaueira do sul da Bahia, sua vida e sua gente.

Foi possível encontrar neste livro, o papel substancial do espaço geográfico do rio Cachoeira enquanto lugar, representado na imagem da sua paisagem, tanto na narrativa dos personagens, quanto no desenvolver da ação no romance e no discurso do narrador-autor. A relação Homem-Terra se faz mediatizada, especialmente, pela imaginação criadora do personagem Hermógenes (ou do autor da obra?) que, ao contemplar a paisagem do rio Cachoeira

com sua linguagem poética, não somente cria, como também (re)cria a realidade do lugar, através de seus devaneios sobre o rio e sua gente. Falar do imaginário é falar da capacidade de criação, guardada no coração e na alma, que todos os seres humanos têm....

Assim, a literatura pode (re)construir os fatos, dar novos significados a eles, imaginar e criar ideias pela imaginação criadora, proporcionando e projetando espaço para a imaginação geográfica.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p.

\_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. 7. tiragem. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 242 p.

BARBOSA, Carlos Alberto Arléo; CONCEIÇÃO, Horizontina. **Ilhéus**. Ilhéus, BA: EGBA, 1997. 84 p.

BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. **Bachelard**: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 102 p.

BARROS, Francisco Borges de. **Memória sobre o município de Ilhéus**. 3. ed. Ilhéus, BA: Editus; Fundação Cultural de Ilhéus, 2004. 163 p. (1 ed. 1915).

CARVALHO FILHO, José Cândido de. **As curvas do rio**. Itabuna, BA: Via Litterarum, 2005. 119 p.

CORRÊA, Nelson B.; CORRÊA, Josina P. **Guaíba**: o rio e a gente. 2. ed. Porto Alegre: BELS, 1974. 176 p.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique**. Paris: Editions du CTHS, 1990. 199 p. (1 ed. Paris: PUF, 1952).

FEBVRE, Lucien. **O Reno**: histórias, mitos e realidades. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 286 p.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro; PARAÍSO, Hilda Maria Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo**: a capitania, os frutos de ouro e a princesa do Sul - Ilhéus, 1534 - 1940. Ilhéus, BA: Editus, 2001. 182 p.

GRATÃO, Lúcia Helena B. **A Poética d' "O RIO" - ARAGUAIA!** de cheias... & vazantes... (à) luz da imaginação! 2002. 354 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) - FFLCH. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002.

\_\_\_\_\_. (À) Luz da Imaginação! "O Rio" se revela na voz dos personagens do lugar - ARAGUAIA! **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 17, n. 28, p. 89-120, 1º sem. 2007.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 103-122.

LIMA, Solange T. de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 7-33, jul./dez. 2000.

MALARD, Letícia. Minas Gerais em Guimarães Rosa. In: GROSSMANN, Judith et al. **O espaço geográfico no romance brasileiro**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993. p. 31-50 (Coleção Casa de Palavras).

NACIF, Paulo Gabriel Soledade. **Ambientes naturais da bacia hidrográfica do rio Cachoeira, com ênfase nos domínios pedológicos**. Viçosa, MG: UFV, 2000, 118 f. Tese (Doutorado em Solos e Nutrição de Plantas) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2000.

\_\_\_\_\_. et al. Ambientes Naturais da Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira. In: Paulo Inácio Prado; Elena Charlotte Landau; Raquel Teixeira de Moura; Luiz Paulo Pinto; Keith Alger; Gustavo Fonseca. (Org.). **Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Sul da Bahia**. Ilhéus: IESB; *Conservacion International*; CABS; UFMG, 2003, V. 1.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. 242 p.

OLIVEIRA, Livia. Sertão rosiano: percepção, cognição e afetividade geográfica. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 234-242, 1º sem. 2002.

PAIVA, Rita de Cássia Souza. **Gaston Bachelard**: imaginação na ciência, na poética e na sociologia. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2005. 230 p.

SEEMANN, Jörn. Geografia, geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará). **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 50-73, set. 2007. Disponível em: < <http://www.kweik.com.br/atelie>>. Acesso em: fev. 2008.

SILVA CAMPOS, João da. **Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus**. 3. ed. Ilhéus, BA: Editus, 2006. 819 p. (1 ed.: 1947, 2. ed: 1981).

VINHÂES, José Carlos. **São Jorge dos Ilhéus**: da capitania ao fim do século XX. Ilhéus, BA: Editus, 2001. 353 p.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

Recebido em outubro de 2009

Aceito em dezembro de 2009

